

A junção íntima do sentimento de vida

Sophie Marret-Maleval

Na conversação sobre as *Variedades do humor*, Jacques-Alain Miller sublinha que o humor, que não é um termo clínico, designa "o que se situa na junção mais íntima do sentimento de vida" para cada um, retomando a expressão de Lacan em "A questão preliminar", quando este último ressalta que o assassinato da alma schreberiana é uma expressão da *foraclusão*, e que "se trata de uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito"¹. Fazendo assim do humor a "base contínua da existência subjetiva"², Jacques-Alain Miller atribui às suas variações uma importância estrutural muito particular, que ele aproxima da expressão fundamental *foraclusão*. Assim, ele parece levar à concepção de um fundo melancólico das psicoses, como observa também Jean-Claude Maleval³, ou como eu já pude ressaltar em um trabalho anterior⁴.

Jacques-Alain Miller distingue de fato o afeto do humor, enfatizando a tonalidade contínua do humor, ali onde o afeto é descontínuo, um "elemento discreto", ou seja, significante. Ele lembra a relação entre a angústia e o registro da verdade (a angústia é um afeto que não engana, "que não se inscreve no registro do humor"), ao passo que "não se estabelece relação entre humor e verdade. É bem mais uma relação entre humor e gozo que se trata de precisar", ele observa⁵.

Esta ligação fundamental e estrutural entre a melancolia (sob a forma não-desencadeada, pré-melancólica) e a psicose é certamente uma das razões da frequente aproximação entre melancolia e psicose ordinária, como se alcançar o sentimento de vida se manifestasse ali

essencialmente pela identificação ao objeto *a*, da qual Lacan fez, seguindo Freud, a bússola da melancolia.

Assim, Jacques-Alain Miller convida a diferenciar a posição melancólica do estado melancólico⁶. Ele evoca, a respeito do caso de Sonia Chiriaco, uma "melancolia ordinária, que se inscreve [...] em nosso registro da psicose ordinária"⁷, apontando uma manifestação discreta do estado melancólico, como ele precisa mais adiante para Pierre Sidon nessa conversação, observando que, "frequentemente, se vê posições melancólicas em sujeitos que apresentam uma psicose ordinária"⁸. Jacques-Alain Miller faz objeção ao termo *posição*, para indicar que se trata de um estado, uma vez que *posição* se refere à estrutura⁹. Neste momento, ele fala das estruturas clínicas no campo das psicoses, mas aponta que o estado melancólico as atravessa. Mais especificamente, podemos estender suas observações e considerar que, em termos de posição, como ele o indica fazendo do transtorno do humor o index da forclusão, a melancolia ocupa um lugar privilegiado, mais fundamentalmente estrutural (no sentido lacaniano) no campo das psicoses. Por isto, a psicose ordinária, caracterizando-se por sinais clínicos discretos da posição melancólica, às vezes dificilmente discernível, apresenta afinidades particulares com esta.

Muitos colegas de nosso campo sublinham os laços entre melancolia e psicose ordinária. Nathalie Wulfing os ressaltou, também recentemente, em uma vinheta preparatória para o Congresso de Dublin, observando que a desordem na junção mais íntima do sentimento de vida se manifesta de maneira exemplar na identificação ao objeto *a* do sujeito melancólico¹⁰.

Na Convenção de Antibes sobre *A psicose ordinária*, Jacques-Alain Miller já citava o relatório de Aix Marseille e Nice que, seguindo Tellenbach e Kraus, evoca "a cópia de uma espécie de ideal, não do eu, mas de uma norma social"

na melancolia. Os autores observam que as personalidades pré-melancólicas são "mais facilmente tipificadas e reconhecíveis nas culturas em que as normas sociais são mais claramente definidas, e até impostas, como é o caso do Japão e na Alemanha". Jacques-Alain Miller conclui: "é uma observação muito útil - a partir do momento em que as normas se diversificam estamos, evidentemente, na época da psicose ordinária. O que é coerente com a época do Outro que não existe é a psicose ordinária"¹¹. Dito de outro modo, se os estados pré-melancólicos são mais facilmente reconhecíveis em uma sociedade regrada por normas definidas, ele liga então a diversificação dessas normas à época da psicose ordinária, parecendo indicar que as sociedades contemporâneas oferecem uma variedade mais importante, porém também mais discreta, de suplências possíveis pela superidentificação a uma norma.

Éric Laurent prossegue: "Eu considero fecundo empregar a noção de superidentificação no quadro geral da psicose ordinária. Em um sentido, estes trabalhos reforçam a ideia de que a identificação na melancolia é abordada do mesmo modo que nas outras psicoses, com superidentificação a traços perfeitamente normais. Em um outro sentido, a superidentificação normal sublinha que a norma da identificação é louca"¹². Pelo fato dessa própria loucura da norma da identificação, ressaltada por Éric Laurent, se destaca a possibilidade de uma normalização da psicose pela via da superidentificação a traços específicos de uma norma social, à "captura no imaginário de uma série de traços [...] que oferecem uma coesão imaginária ao sujeito pré-melancólico", captura capaz "de limitar o transbordamento de gozo"¹³.

O estado pré-melancólico é uma modalidade de compensação ou de suplência à psicose e ele se encontra aqui convocado ainda como modalidade privilegiada de

manifestação da psicose ordinária, no que ele permite uma estabilização da estrutura.

Evidentemente, essa analogia deve ser manejada com prudência, pois não se trataria de enunciar, como o faz François Morel na Convenção de Antibes, que "a melancolia é [...] uma psicose ordinária"¹⁴, mas antes de frisar que a clínica dos estados pré-melancólicos pode demonstrar constituir uma bússola preciosa para diferenciar uma psicose ordinária, na medida em que esses indicadores de uma posição melancólica apontam para um fundo melancólico de toda psicose, para a "junção mais íntima do sentimento de vida"¹⁵.

Lembremos, por um lado, que Jacques-Alain Miller esclarece que a psicose ordinária não é um conceito. Ele propõe o termo "psicose ordinária", no livro da Convenção de Antibes, para evocar as formas não-desencadeadas ou temperadas da psicose que a clínica contemporânea, no rastro do último ensino de Lacan, acabou destacando. Em "Efeito do retorno à psicose ordinária", ele sublinha: "a psicose ordinária não tem definição rígida"¹⁶, e a define assim: "talvez a psicose ordinária seja uma psicose que não é manifesta até seu desencadeamento"¹⁷. Ele convida a uma clínica de elementos discretos que não têm o peso manifesto dos elementos diagnósticos da psicose desencadeada (fenômenos elementares, transtornos de linguagem, etc.), daí uma dificuldade diagnóstica particular.

Observamos que tal dificuldade diagnóstica é igualmente sublinhada por outros autores que se interessam pela melancolia, notadamente por Tellenbach, quando ele procura caracterizar os estados pré-melancólicos em seu *Typus mélancholicus*¹⁸.

Visando identificar as estruturas da consciência, ele destaca a proximidade da melancolia com a neurose obsessiva, especialmente pelo apêgo dos sujeitos melancólicos à ordem, à limpeza, por seu senso de dever,

sua seriedade. O estado pré-melancólico se mostra assim, às vezes, dificilmente discernível da neurose. Sublinhando que Abraham e Freud constatarem "o parentesco estrutural dos maníacos-melancólicos com as neuroses obsessivas", Tellenbach indica "que o *typus mélancholicus* [...] apresenta elementos que se enquadram na esfera da obsessão", o que é inconstentável. Vamos mais longe: antecipando os avanços teóricos posteriores, se pode constatar do dossiê dos estados de obsessão, hoje ainda bastante informe, que "é possível identificar um *typus obcecado* que [...] é análogo ao *typus mélancholicus*. Penso nas fobias de impulsão [...] sob suas diferentes formas..."¹⁹. Aliás, Tellenbach se dedica mais à definição de um tipo melancólico do que às formas desencadeadas da "doença", tipo que ele define assim: "Nós entendemos, então, por *typus melancholicus* o gênero de natureza constituída por uma certa estrutura, observável de modo empírico, que, obedecendo a seu potencial, tende para o campo de gravitação da melancolia"²⁰. Em outros termos, ele faz do tipo melancólico uma entidade (uma natureza, e mesmo uma estrutura), constituída por manifestações discretas nas formas pré-melancólicas e que apresenta uma característica banal parecida com a neurose. Por seu lado, Freud indica: "A melancolia, cujo conceito é definido, mesmo na psiquiatria descritiva, de modo variável, se apresenta sob formas clínicas diversas nas quais não é certo que se possa reuni-las em uma unidade, e dentre as quais algumas fazem pensar mais em afecções somáticas do que em afecções psicogênicas"²¹.

Falret havia definido, com a loucura de dupla forma²², a unidade da mania e da melancolia. Em 1905, Kraepelin identificou suas características específicas em um elemento intelectual, a desaceleração do pensamento, e um transtorno do humor²³. Lacan dará uma tradução estrutural a essas abordagens descritivas ou fenomenológicas, partindo da

queda das identificações imaginárias, para enfatizar a identificação ao objeto real "fora de toda pontuação fálica"²⁴, esclarecendo a natureza da identificação melancólica ao objeto.

Resta que as estruturas psiquiátricas não têm o peso da clínica diferencial tal como Lacan a define com a forclusão do Nome-do-Pai e, mais tarde, com a clínica do *sinthoma*. Assim, como sublinha Jean-Claude Maleval, "perguntar-se se um sujeito é melancólico, esquizofrênico, paranoico ou delirante sensitivo, ou é portador de uma Síndrome de Cotard, etc., não é em si algo de grande interesse. Esta não é a questão essencial. É a questão da direção do tratamento que é decisiva. Saber se um sujeito é paranoico ou esquizofrênico, ou maníaco-depressivo, pode ter um interesse no sentido de localizar onde está o gozo invasivo. Trata-se de determinar qual é o tipo de gozo ao qual é preciso se contrapor. Sabemos bem que na maior parte dos casos encontramos estados mistos. [...] A observação mostra que sujeitos são paranoicos num determinado momento, três anos mais tarde, maníaco-depressivos e dez anos mais tarde, esquizofrênicos"²⁵. Neste sentido, penso em um paciente no qual o estado melancólico permanece difícil de distinguir de uma esquizofrenia, pois embora predominem as auto-acusações e sua posição de objeto, os efeitos de gozo no corpo estão também muito presentes; ele sofre há muitos anos do temor de não poder controlar a vontade de urinar que o impede de sair, a menos que se assegure da presença de banheiros em seu trajeto, com o sentimento de abjeção de seu ser, submetido ao olhar do outro, quando ele vai ao toalete. Esse sintoma invalidante foi desencadeado pelo encontro sexual, que o expunha a que o outro veja o quanto ele goza. A carência da fantasia fundamental, que o mantém em uma posição de inércia, de ausência absoluta radical de dinâmica do desejo é igualmente observável nele.

Dito de outro modo, não se trata de dar demasiadamente consistência à forma clínica da melancolia, mas antes de se interessar - através dos estados pré-melancólicos, tais como os descreve Tellenbach - pelas bússolas que ele nos oferece para cernir uma clínica discreta que não deixa de ressoar com os elementos identificados por Jacques-Alain Miller e Jean-Claude Maleval para a clínica das psicoses ordinárias. Essa clínica que não oferece referenciais tão claros como a primeira clínica lacaniana da psicose desencadeada com a forclusão do Nome-do-Pai, foi sobretudo suscitada pela invenção da clínica borromeana, que não anula a referência diferencial, mas que, insistindo sobre as modalidades desenlaçamento, leva a nos interessarmos pelas formas não-desencadeadas, estabilizadas, ordinárias da psicose, a partir de índices mais tênues. Sobre esse ponto, eu remeto ao excelente estudo de Dossia Avdelidi, recentemente publicado pelas Presses Universitaires de Rennes²⁶.

Jacques-Alain Miller precisa que ele introduziu o termo "psicose ordinária" para dar conta de dificuldades encontradas pelos clínicos para separar psicose de neurose: "se você não reconhece a estrutura muito precisa da neurose do paciente, você pode apostar ou deve tentar apostar que é uma psicose dissimulada, uma psicose velada"²⁷. Parece-me que o questionamento diagnóstico aberto pelo tipo melancólico reencontra aquele que se mostra subjacente à introdução do termo "psicose ordinária".

O último ensino de Lacan nos convida a afinar nossas ferramentas. Ele contribuiu para uma extensão considerável do campo da psicose, em suas variadas formas, da simples *claudicância (clocherie)* do ser às grandes formas psiquiátricas, enquanto a psicose vinha se estabelecer em suas formas discretas no grau do drama cotidiano, tornando-se assim banalizada. "No final das contas", observa Jacques-Alain Miller, "somos colocados sob o signo de uma

espécie de clínica do *ponto de basta* generalizado"²⁸. Ele opõe, assim, dois modelos da psicose, a forma *carvalho* e a forma *junco*: "Digamos que, quando o sintoma é do modelo *carvalho*, no momento em que a tempestade chega, o desencadeamento é patente. Quando a estrutura tem mais a aparência *junco*, e o sujeito elaborou um sintoma deslizando, à deriva, o caso não se presta a um claro desencadeamento [...] as psicose ordinárias são principalmente do tipo *junco*"²⁹.

Se o afinamento conceitual do último ensino de Lacan pôde conduzir a uma referência mais frequente do modelo *junco*, que constitui o comum de nossa clínica, e se os neurolépticos contribuíram para apagar as manifestações agudas das psicoses, parece que a prevalência atual do modelo *junco* sobre o *carvalho* resulta igualmente da mudança de discurso de nossa época.

A época não é mais regulada pelo Outro, mas pelo particular do sintoma. Assim, Jacques-Alain Miller pode afirmar: "O que é coerente com a época do Outro que não existe (época da falta da garantia da verdade e do declínio dos ideais), é a psicose ordinária"³⁰, seja a via da *bricolagem*, da *amarração* da fuga do sentido. A psicose ordinária "é a psicose da época da democracia", observa Éric Laurent. "Quando dizemos 'psicose ordinária', prossegue ele, não nos detemos mais apenas nas grandes exceções que constituíram a clínica do olhar e a primeira clínica psicanalítica"³¹. Um outro apoio diagnóstico é necessário e fornecido pela abordagem lacaniana da linguagem, ressalta ele.

A identificação dos estados pré-melancólicos estabelecida por Tellenbach é interessante neste sentido e converge com os apoios diagnósticos propostos por Jacques-Alain Miller, mas igualmente por Jean-Claude Maleval, no que concerne à psicose ordinária.

Em uma descrição muito precisa, Tellenbach caracteriza assim o *typus melancholicus* a partir de elementos diagnósticos que podemos reagrupar em três orientações mais importantes. Ele ressalta, seguindo Freud, os problemas de identificação do sujeito melancólico e pré-melancólico. Estes se caracterizam por uma identificação narcísica com o objeto amado (constatação de que ele toma de Abraham e Freud), o sentimento de "comunidade simbiótica" com o outro, pelo qual "o sofrimento do outro é o seu próprio sofrimento, e a doença do outro às vezes o deixa doente com o outro"³². Resultando deste transtorno de identificação, Tellenbach observa a sensibilidade desses sujeitos que ultrapassa a medida, assim como suas dificuldades para se separar, principalmente de sua filha para as mulheres. Ele relaciona essa extrema sensibilidade ao lugar que ocupa para estes sujeitos o sentimento da falta, a sensibilidade ao julgamento dos outros. Sabemos que a melancolia desencadeada se caracteriza notadamente pelas auto-acusações que parecem seja enigmáticas, seja excessivas, às pessoas que o cercam. Tellenbach vincula assim os transtornos de humor à falha de identificação ao traço unário, de identificação simbólica, que conduz a uma identificação ao objeto. Encontramos aqui as indicações de Jacques-Alain Miller em sua apreensão do humor. A abordagem de Tellenbach converge com as observações de Miller quando ele propõe afinar o que chamamos de identificação ao objeto, ressaltando que se trata mais de uma falha de identificação que conduz a uma identidade ao objeto, e que ele sugere apreender como mania e melancolia pelo viés do par alienação-separação. Ele sublinha que a melancolia deve ser relacionada a uma ausência de separação, no princípio da posição de objeto do sujeito melancólico³³.

Tellenbach aponta, além disso, às estratégias desenvolvidas por tais sujeitos para remediar esses transtornos de identificação primordial, para "manter em

ordem o *fundo* do homem”³⁴: a hiper-normalidade, a hipertrofia do dever que os conduz frequentemente a exercer uma massa de trabalho superior à média, com a impressão constante de nunca fazer o suficiente, a “identidade imutável do ser e do parecer”³⁵, a tendência a “executar sem recuar um papel preescrito”³⁶, ou seja, a superidentificação a uma norma. Tellenbach lembra que Kraus observa que o sujeito maniaco-depressivo “não pode mais se desfazer dessa alienação em um papel ou no anonimato”³⁷. Por esta descrição precisa, Tellenbach salienta as compensações imaginárias dos transtornos de identificação primordial.

Ele observa, enfim, no fio do componente intelectual ressaltado por Kraepelin que para o sujeito melancólico “falta um conteúdo à vida”, e acrescenta: “não se pode, si mesmo, ser seu próprio conteúdo”³⁸. Ele situa aí as consequências da não extração do objeto, extração que faz falta para orientar a existência do sujeito, o que repercute no campo do sentido. Do mesmo modo, Biswanger notava a ausência de projeção no futuro do sujeito melancólico que sabe a perda já realizada, ou seja, que o objeto não é extraído e colocado no Outro, permitindo a dinâmica do desejo³⁹. O sentido é comandado pela enunciação e, mais precisamente, pelo S1, significante assemântico, que representa o sujeito como 1 no campo da linguagem. Tellenbach aponta precisamente à carência da identificação primordial, que falhou ao orientar o sentido para o sujeito e que é ligada à falta de extração do objeto. Freud já insistia no caráter de enigma da inibição melancólica⁴⁰, sem sentido. Ele se interessava sobretudo pela melancolia desencadeada, quando os apoios imaginários se desfazem, já deixando entender que os transtornos do imaginário afetam o sentido, como é o caso para Joyce, confrontado à perplexidade quando o imaginário se solta, como testemunham suas epifanias. O sentido está na conjunção do imaginário e

do simbólico; ele precisa da articulação S1-S2. Da sua parte, Tellenbach se interessa pelas formas não-desencadeadas, compensadas pelo imaginário, mas ele observa como o apoio do sujeito melancólico se faz em imagens rígidas, como testemunha a superidentificação, sem a flexibilidade que permite o apoio simbólico, o apoio no S1. O sentido está aí afetado. Estes são de alguma forma os transtornos de enunciação que Tellenbach tomou como característicos da melancolia.

Em "Efeito do retorno à psicose ordinária", Jacques-Alain Miller distinguia três registros a partir dos quais era possível identificar os índices de psicose ordinária: uma externalidade social, uma externalidade corporal e uma externalidade subjetiva. Concernindo à externalidade social, ele indica que "o mais claro dos índices se encontra na relação negativa que o sujeito tem com a sua identificação social. Quando você deve admitir que o sujeito é incapaz de conquistar seu lugar ao sol, de assumir sua função social"⁴¹, mas acrescenta: "Mas vocês também devem ficar atentos diante das identificações sociais positivas na psicose ordinária. Digamos, quando estes sujeitos investem demasiadamente em seu trabalho, em sua posição social, quando eles têm uma identificação intensa demais com a sua posição social"⁴². Ele encontra aí a problemática da superidentificação a um papel social sublinhada por Kraus e Tellenbach, apontando também para a falta de apoio no S1. Ele ressalta, além disso, a externalidade do sujeito psicótico em relação a seu corpo, seja a falta de sustentação fálica que Lacan notava com Joyce e sobre a qual Jacques-Alain Miller sublinha que ele pode se mostrar às vezes artificialmente compensado (*piercing*, tatuagem, moda, etc.), ou seja, os transtornos do imaginário. Enfim, ele insiste sobre a experiência do vazio, da vacuidade que encontramos frequentemente na psicose ordinária, sublinhando que esta experiência difere

do vazio encontrado na neurose, por sua natureza não-dialética, sua imobilidade, sejam ainda os traços de uma falta de ancoragem simbólica e imaginária, destacando sobretudo os problemas de enunciação. Ele insiste na identificação com o objeto a como dejetivo. Situa como correlato da externalidade subjetiva a relação com a linguagem, indicando principalmente que o sujeito pode se defender de uma identificação ao dejetivo por um maneirismo da língua; ele evoca enfim uma relação específica com as ideias, que ele não desenvolve. A declinação destas três externalidades encontra ainda os pontos que se destacam na melancolia: falta da representação pelo traço unário, queda das identificações imaginárias, identificação ao objeto a, resultando nos efeitos no nível do sentido e da linguagem, frequentemente mascarados na psicose ordinária por meio de artifícios. Alexandre Stevens indica que a regulação na identificação imaginária é uma característica possível da psicose ordinária⁴³, ela é frequentemente encontrada.

Jean-Claude Maleval convida, por outro lado, a apreender os signos discretos da psicose ordinária a partir dos transtornos do Real (os índices da não-extração do objeto a), do Simbólico (a falha discreta do ponto de basta) e do Imaginário (os problemas de identidade e a prevalência das identificações imaginárias)⁴⁴. Nos transtornos do real, ele destaca os sinais de desregulação do gozo, especialmente a carência da fantasia fundamental que provoca o sentimento de uma ausência de direção pessoal (mas também os esboços do empuxo-à-mulher ou o signo do espelho, testemunhos de uma deslocalização do gozo devido à carência do traço unário). Encontramos aí ainda as pistas esboçadas por Tellenbach acerca da melancolia, quando domina a identificação ao objeto devido à carência do traço unário, e a falha do sentido quando falta o S1 para orientar o sujeito. Entre os problemas do Simbólico, ele situa os índices manifestando a falha do enodamento do

simbólico com as outras dimensões (rupturas discretas da cadeia significante, neologismos semânticos discretos), apontando para os problemas de enunciação, consequências de uma fragilidade no funcionamento do S1 e de suas compensações (o neologismo permite a Artaud, por exemplo, fazer existir na língua um significante que o represente, um significante que carregaria a marca de sua singularidade, índice da carência do S1). A respeito dos transtornos do Imaginário, Jean-Claude Maleval observa os efeitos de desenlace do imaginário: deixar cair o corpo, falta de fundamentação da identidade, captura por imagens especulares, apoio na imitação de modelos, o apoio em pessoa próxima, ou seja, os transtornos do imaginário que desvelam ainda a falha de sustentação simbólica do Imaginário, ou ao simbólico, ou as compensações imaginárias colocadas para remediar esta ausência do enodamento. Jean-Claude Maleval mostra assim que para alguns sujeitos o desenlace de uma dimensão prevalece sobre outra e convida a apreender seus sinais com rigor, contudo, ele aponta também que, quando um elemento se desenlaça, isso tem consequências para as outras dimensões (a identificação ao objeto é resultado, por exemplo, de uma falha de identificação primordial ao S1). Por outro lado, a psicose ordinária caracteriza-se pela mobilização de compensações, apoiando-se sobre um outro registro (compensação imaginária de uma falha simbólica, por exemplo).

Se para cada sujeito o desenlace pode incidir sobre um elemento mais específico do nó, o que caracteriza a psicose é que esta não é amarrada pelo *sinthoma*, ou seja, pela articulação S1/a, e é isso que Tellembach aponta, me parece, com o *typus mélancholicus*, evocando finalmente formas de psicoses ordinárias (não é seguro, além disso, que todas elas desencadeariam sob um modo melancólico). Não podemos traduzir "junção íntima do sentimento de vida" como o que faz junção para o sujeito, seja o *sinthoma*, o nó da

vida, de a, com a linguagem, por meio do S1 e que orienta sua existência (lembramos que o *sinthoma* se escreve S1/a)? A junção íntima do sentimento de vida pode ser lida assim: o enodamento singular do que comanda a vida para um sujeito com o sentimento que ele tem dela, ou seja, do S1 à a, junção singular, íntima para cada um. Tellenbach descreve as consequências da falha da amarração pelo S1, do nó do objeto com o traço unário, que de um lado produza a identificação ao objeto e, de outro, é uma tentativa de compensação pelo imaginário. É sem dúvida porque a melancolia e em particular os estados pré-melancólicos ressaltam a fragilidade desta amarração *sinthomática* primordial, bem como a maneira com a qual o sujeito pode se esforçar para remediar esta fragilidade, que podemos falar de fundo melancólico das psicoses e que a melancolia é tão frequentemente convocada na perspectiva da psicose ordinária.

Jeanne

Filha de engenheiros, Jeanne veio me encontrar em consequência da interrupção de seus estudos nessa mesma área, embora tivesse grande chance de ter êxito na entrada para uma universidade, para reorientar-se na profissão de professora, no domínio das letras. Ela temia que fazer um concurso a mergulharia de novo em depressão. Muitos elementos poderiam levar a considerar uma neurose. Em primeiro lugar, sua rivalidade com sua irmã caçula que se atualizava em torno dos estudos, mas também as condições de seu nascimento, um "acidente" quando seu pais estavam se preparando para entrar na universidade. Suas primeiras relações sexuais no ano do concurso terão um gosto de decepção e de renúncia, contribuindo para o abandono do plano, mas isto não era legível imediatamente, pois se poderia entender também que a decepção e as primeiras relações ativassem a questão de seu futuro como mulher.

Passar no concurso estava de fato associado a se casar e ter filhos, mas ela resolverá, após uma fala de sua avó evocando a necessidade de ter tempo para cuidar de seus filhos, fazer a escolha de uma área que lhe desse essa possibilidade, por oposição à sua mãe, sempre tensa e ocupada com sua atividade profissional. Além disso, por não ter suscitado o orgulho de seus pais, a partir da indiferença deles em relação ao seu êxito de ter conseguido concluir o colégio. Enfim, a inquietude suscitada em seu pai pela interrupção de seus estudos lhe valeu a única carta que recebeu dele. Esses fatores tornavam o caminho do sucesso difícil para ela. Da mesma maneira, ela entendeu que sua mãe apenas se interessava pelos filhos quando eles iam mal nos estudos. Ela me informou também sobre a ligação entre a escolha da engenharia e o sexual, ligação que foi provavelmente tocada na infância por filhos de amigos de seus pais, também engenheiros. Essa escolha foi, enfim, associada a uma reivindicação viril, assim como sua escolha de ser companheira dos meninos, já que na infância ela se sentia excluída do campo das meninas.

Jeanne não se revelou, no entanto, tomada pelos embaraços do desejo. Para ela, a depressão não estava associada a uma renúncia. Foi certamente pela afirmação de um desejo, a recusa de ser engenheira, que apareceram suas dificuldades. Desistir do concurso volta de fato a afirmar uma verdadeira escolha, pela primeira vez uma escolha que decorria da recusa de se sacrificar, de fazer como sua mãe, dividida entre sua profissão e seus filhos. A recusa dessa identificação procedia principalmente da relação particular de seus pais com o desejo. Ela opunha sua orientação "literária" à orientação "científica" de seus pais, para os quais tudo era mecânico, "isto quebra, se conserta", posição que ela "consertava" na escolha de sua especialidade. Ela entendia que era a isso que ela havia dito *não*.

Assim, a posição materna se caracterizava, segundo suas palavras, pelo sacrifício: ela havia realizado através de seus estudos o desejo de seu pai. Ela podia dizer a Jeanne que não entendia por que sua filha queria fazer uma escolha igual a sua, porque ela própria havia feito o que seu pai queria mas, apesar disso, havia encontrado interesse nessa profissão. Esta mãe demonstra de fato dificuldade quando tem que fazer uma escolha para ela, desde proibir-se os prazeres da vida como tomar um sorvete, por temer a falta de dinheiro. Numa ocasião, ela desmorona quando deve comprar um objeto de decoração, pela impossibilidade de chegar à escolha. Na casa deles, as paredes são vazias e Jeanne pensa que isto decorre do medo de sua mãe de errar. Eles viviam sempre no provisório. Ela diz que seus pais fazem tudo por dever. Diz que sua mãe está conformada, que "isto impede de ter desejos". Tudo deve ser justificado pela necessidade, sua mãe não faz nada por escolha, mas sempre por obrigação, ou ao menos ela se justifica assim. Desse modo, Jeanne se interroga sobre o desejo da mãe de ter filhos, todos tratados da mesma forma, como bebês, na rigidez de uma organização familiar bem "lubrificada", ao ponto de Jeanne adolescente ter tido a possibilidade de experimentar o sentimento de ser deixada de lado. Pedia-se a eles viverem sem demanda, fazendo de toda demanda uma falha. Seus pais sempre lhes deram o sentimento de que faziam um sacrifício quando compravam qualquer coisa. Ela se lembrava assim de não ter mostrado desejo quando era pequena, sua mãe não os escutava, ela não se lembrava de ter querido qualquer coisa. Sobre sua infância, ela relata principalmente o sentimento de tédio que a tomava durante as férias nas quais ficava diante da televisão ao invés de brincar com outras crianças. Seus avós a deixavam fazer isso, não diziam nada. Eles haviam lhe comprado um pônei, mas ela só descobriu muito tempo depois que este pônei era dela, pois eles nunca haviam

despertado seu interesse de montar nele. A carência da fantasia fundamental podia ser discernida de maneira discreta nesta posição, na qual ela havia sido mais objeto que sujeito, e onde se entrevia a identificação à falha.

A fragilidade da identificação primordial se deixava também discernir no apoio tomado sobre as identificações imaginárias, tal como sua mãe, cuja estrutura melancólica deixava poucas dúvidas. Esta tinha sempre uma interpretação para todas as particularidades de seus filhos: Jeanne era "uma cientista", o irmão um "talentoso", causalidade rígida que permitia dar conta de todas ações e gestos deles.

Jeanne tinha entrado nessas identificações, mas lhe restava o sentimento de lhe faltar um espaço, de nunca estar em seu lugar. Além disso, sua incapacidade de fazer uma escolha por ela mesma atestava ainda a carência da fantasia fundamental. A única escolha que ela havia feito, a interrupção de seus estudos de engenharia, foi decidida pela recusa a uma identificação com sua mãe compreendida como sacrifício. Assim, ela pôde indicar que teve suas primeiras relações sexuais para bancar a companheira, sem se preocupar com qualquer sentimento amoroso, então ausente. Isso ocorreu no mesmo período em que a mãe a havia concebido. Ela poderá dizer que ser professora era uma forma diversa de ter o caminho traçado, o que ela nunca havia colocado como questão, e que ela havia evitado este caminho. Ela temia doravante que um erro, uma decisão dela, a afastasse de sua família. Ter sucesso nos concursos para professora significava deixar de ser a filha dos pais, conquistar uma independência desejada, mas ao mesmo tempo temida. Ela se sentia, além disso, cativa do julgamento deles, infinitamente dependente deles, como consequência de uma intensa culpabilidade relacionada, sobretudo, à sua decisão.

A presença da culpa, levando à interrogação da implicação que o sujeito pode ter naquilo que ocorre com

ele, é frequente nos quadros de psicose ordinária, frequentemente se prestando à confusão diagnóstica. Creio que, desse ponto de vista, é importante não compreender tais sentimentos como a manifestação de uma divisão subjetiva (que indica a emergência do inconsciente), pois podemos descobrir aí ao contrário uma tendência discreta à auto-acusação, índice da identificação melancólica ao objeto. Assim Jeanne poderia interpretar ela mesma a culpa de seus pais como uma tendência à autoflagelação, que ela atribuía aos valores judaico-cristãos deles, mas que demonstrava ser o sinal de uma posição subjetiva marcada pela fragilidade da identificação fálica.

Jeanne observava a intensidade de sua própria culpa, mas esta decorria da falta por existir. Ela podia enfatizar sua exigência muito grande em relação a ela mesma, que se manifestava principalmente na acusação de não trabalhar o suficiente; embora ela dedicasse a isso uma boa parte de seu tempo, ela estava à mercê do que não andava bem. O comando do supereu, sobre o qual Freud sublinha que em nenhum lugar está mais desnudado do que na melancolia, era manifesto. A culpa não se articulava ao desejo, mas mais radicalmente à falha inicial de ter nascido. Jeanne dizia que ela havia "fundado a família", que ela era a ligação entre os pais, e se acusava então de ter impedido sua mãe de ter uma vida de mulher antes de ter um filho, de ser a causa de uma dissensão, do fato do casamento de seus pais que havia sido desaprovado pelas famílias. Seu pai lhe havia dito: "você foi minha maior felicidade", e é neste contexto que ela achou difícil carregar isso.

Ela portava além disso o nome de Jean, o irmão de sua avó falecido aos três anos, criança mimada no cerne do mito familiar de criança ideal. A carência da montagem do desejo observável em seus anos de infância, certamente não tinha relação com esta identificação primeira, marcada pelo salto da morte.

Jeanne sempre tinha medo de não ser normal, frequentemente se sentia diferente. Seus sonhos sempre colocavam em jogo o temor de ser abandonada, um "deixar cair". Sua solução para se sentir viva era fazer palhaçada.

Ela notava que a tristeza caía sobre ela periodicamente, de modo enigmático; ela temia ser submergida pela angústia, observando a alternância de períodos em que estava bem e outros em que estava mal, sem poder se explicar a razão dessa periodicidade. O enigma dessas variações de humor, o sentimento que isso lhe vinha da exterioridade, fora de toda causalidade, constituem índices precisos de sua posição melancólica, evocando uma psicose maniaco-depressiva não desencadeada. Contudo, os signos eram discretos, a depressão decorrendo mais de um estado de tristeza sem causa precisa. Fui especialmente alertada quando ela me advertiu que não queria ir muito longe na análise, que não queria deitar-se por medo de ser desestabilizada, associando esse temor às palavras de sua tia que lhe disse ter descoberto que tinha sido vítima de toques de um primo durante uma análise. Tratava-se de não deixar emergir o sentido sexual, ou melhor, de recobrir e regular o gozo, embora nenhuma manifestação de gozo no real não levasse senão a observar sua identificação ao objeto, cujos traços permaneciam muito discretos, recobertos por suas identificações prontas para uso atribuídas por sua mãe, pelos ideais familiares e pelas prescrições conformistas sobre as quais ela havia regulado sua existência, para além das quais era quase imperceptível sua posição de objeto, encarnando a falha dos pais.

No entanto, a fragilidade de sua sustentação fálica era ainda perceptível em seu modo de não suportar a competição, ela sempre se comparava aos outros, certa de não estar à altura deles. Suas críticas e reclamações demonstram além disso efeitos da carência da significação fálica, dificuldades para terminar seu pensamento: ela

dizia que não conseguia ter um método de trabalho, devia aprender de cor, reter tudo, fazer tudo perfeito, que nunca conseguia extrair o essencial de suas leituras. Este problema de enunciação assinala que o SI não entrou verdadeiramente em funcionamento para ela. Quando ela era confrontada com a necessidade de proceder de outra maneira, ficava esgotada, se sentia diante de um "grande vazio". Nesses momentos, se punha arrumar, queixando-se de uma obsessão excessiva de ordem, até no modo pelo qual as folhas estavam perfuradas, a ponto de se inquietar. Ela se queixava de que jamais teria uma opinião nitidamente diferente. Sentia-se presa entre os ideais de esquerda da família materna e os ideias de direita da família paterna, que ela não poderia resolver senão votando na centro direita, seguindo o próprio compromisso encontrado por seus pais.

A prova da falta de um método de trabalho havia se tornado particularmente aguda, quando havia questionado os ideais dos pais através de sua renúncia aos estudos de engenharia e quando começara a interrogar a aprendizagem de cor sobre a qual estes também se apoiavam, escolhendo estudos literários para os quais era requerida uma colocação em jogo da enunciação.

Eu a recebi durante um ano e meio, acompanhando-a até o sucesso em seu concurso para o professorado e seu casamento, o qual implicou numa mudança de região e em um encaminhamento para outro colega. Durante esse período, ela respondeu ao enigma de seu ser pelo sentido, construindo uma parte de sua história e pode livrar-se da pressão de uma vida regrada pela necessidade e pelos ideais dos pais. O final de nossos encontros foi marcado, não obstante, pelo surgimento de dois significantes identificatórios, como um cenário de novas identificações imaginárias nas quais podia se acomodar, necessárias talvez para separar-se de mim. Ela encontrou a primeira nos testes psicológicos de uma revista

feminina: "eu sou uma perfeccionista", e a segunda num livro de psicologia: "eu era uma criança precoce"⁴⁵. Pude constatar o quanto ela fazia questão dessas nomeações que davam razão a seu ser, explicando-o ali onde, para um sujeito neurótico, as identificações se desfazem com a subjetivação de sua experiência. No caso de Jeanne, a dificuldade para falar em nome próprio, o problema da enunciação, faz com que ela deva completar por apoios identificatórios imaginários o relato de seu percurso.

Da melancolia à psicose ordinária

No cerne das questões de Jeanne: a falha de existir, índice da fragilidade de sua sustentação fálica, da fragilidade da identificação primordial, e a insistência sobre os efeitos em sua linguagem e em seu pensamento da carência da significação fálica, de colocar em funcionamento o S1. A identificação de sua melancolia discreta permitiu orientar o diagnóstico e o tratamento. Muitos outros casos de psicose ordinária apresentam esta mesma ênfase sobre a questão do ser mais do que sobre o desejo, em uma constelação de pequenos signos discretos que atestam a carência da função fálica, sem fenômenos elementares manifestos. A identificação da posição de objeto do sujeito é neste caso preciosa (mas às vezes difícil, quando ela permanece mascarada pelas identificações imaginárias), ela não pode ser apreendida somente pela atenção em relação à natureza da queixa do sujeito mas também pela atenção sobre outros elementos evocadores da psicose. Creio que um desses sinais, na melancolia, é a relação com o sentido, como relata Freud, destacando a característica enigmática da inibição melancólica, ou Tellenbach que evoca o sentimento de perda do sentido da existência. Muitas vezes prevalece certa perplexidade, uma relação particular do sujeito com o sentido, um caráter de enigma da vida, uma dificuldade de

subjetivar sua história sobre a qual ele fala com um distanciamento tingido por uma falta de afeto, um aprisionamento em uma dificuldade fora de toda apreensão em uma causalidade.

Uma paciente se queixava assim do surgimento da angústia que ela não podia relacionar a nada. Boa parte do trabalho com ela consistiu em procurar o detalhe que havia feito surgir a angústia e a dar sentido ao que acontecia com ela. Mas é notável que se esta apropriação da experiência no sentido tinha um efeito de apaziguamento, ela devia ser recomeçada a cada vez, ela não bastava para permitir ao sujeito apreender-se, já que sobrevinha uma condição similar àquela que anteriormente havia provocado a angústia (ela havia feito três longos estudos, de modo que esta dificuldade não podia ser considerada uma falta de meios intelectuais). Era necessário o encontro e minhas questões para que o circuito do sentido retornasse, até que as condições que suscitavam os estados próprios à emergência das crises pudessem ser eliminados.

Pude constatar que os elementos diagnósticos da melancolia foram uma ajuda particularmente preciosa no caso de sujeitos nos quais o investimento em longos estudos havia permitido uma sustentação, sem que nenhum problema preciso se manifestasse anteriormente. Estes pareciam ligar-se à maternidade, ao início da vida profissional, à afirmação de uma escolha profissional, como no caso de Jeanne, ou ainda a uma confrontação com a vida amorosa adiada pelos estudos: elementos que implicam em uma colocação em jogo do desejo ou em uma assunção de responsabilidade. Se muitos neuróticos podem iniciar um tratamento em condições similares, é importante lembrar como a superidentificação a uma norma pode também vir a compensar uma falha da identificação primordial e o recurso fálico que se torna aparente quando o sujeito se encontra acuado frente a uma decisão importante. É conveniente da

mesma forma perceber como o engajamento em uma aprendizagem pode mascarar a carência de significação fálica, enfim, cuidar para não confundir a divisão do sujeito com uma certa facilidade para se questionar ligada a discretas auto-acusações.

A transferência neste caso não se estabelece tanto sobre uma suposição de saber sobre o inconsciente, mas sobre uma demanda de apoio que visa a descolá-lo da identificação ao objeto e a opor-se ao "deixar cair", visando uma regulação do gozo. Se for o caso, colocar o sentido para funcionar, a construção, um certo uso da linguagem podem igualmente contribuir para sustentar uma compensação imaginária da falha de identificação primordial.

Embora a psicose ordinária apresente uma amplitude mais extensa do que a melancolia, a forma prínceps da melancolia constitui, contudo, uma bússola diagnóstica preciosa da psicose ordinária, destacando pontos de fragilidade maiores da estrutura, bem como suas modalidades da compensação.

Tradução: Ana Martha Maia

¹ LACAN, J. (1998[1955-1956]) "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

² MILLER, J-A. (2008) *Variétés de l'humeur*. La bibliothèque lacanienne, Paris: Navarin, p.74.

³ MALEVAL, J-C. (2003) *Éléments pour une appréhension clinique de la psychose ordinaire*. Disponível em: http://w3.erc.univ-tlse2.fr/pdf/elements_psychose_ordinaire.pdf.

⁴ MALEVAL, M. (2011) "Mélancolie et psychose ordinaire". In: "Des autistes et des psychanalystes", *La Cause Freudienne*. Nouvelle revue de psychanalyse, n°78, Notre sujet supposé savoir. Paris: Diffusion Seuil, pp.248-257.

⁵ MILLER, J-A. (2008) *Variétés de l'humeur*. Op.cit., p.74.

⁶ IDEM. Ibid., p.88.

⁷ IDEM. Ibid., p.102.

⁸ SIDON, P. (2008) In: MILLER, J. *Variétés de l'humeur*, . Op.cit., p.113.

⁹ MILLER, J-A. (2008) *Variétés de l'humeur*. Op.cit., p.113.

-
- ¹⁰ WULFING, N. (2016) "Ordinary psychosis and melancholia". In: Blog du XIV Congrès de la NLS, "Signes discrets dans les psychoses ordinaires, clinique et traitement". *NLS messenger/NLS Minute*, n°19. Disponível em: <http://www.amp-nls.org/page/fr/278/nls-minute-19>.
- ¹¹ MILLER, J-A. (2012) A psicose ordinária. A convenção de Antibes. Belo-Horizonte: Scriptum livros, p. 274.
- ¹² IDEM, p. 275.
- ¹³ CASTANET, H.; DE GEORGES, P. (1998) "Ligamentos, Desligamentos, religamentos". In: MILLER, J. *A psicose ordinária, op. cit*, p.47.
- ¹⁴ MOREL, F. (2012) In: MILLER, J. *A psicose ordinária. A convenção de Antibes. Op.cit.*, p.286.
- ¹⁵ LACAN, J. 1998[1955-1956]) "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Op.cit., p. 564.
- ¹⁶ MILLER, J-A. (2010) "Efeito do retorno à psicose ordinária". In: *Opção Lacaniana online nova série*, n. 3. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero3/texto1.html>
- ¹⁷ IDEM.
- ¹⁸ TELLENBACH, H. (1979[1961]) *La mélancolie*. Paris: PUF.
- ¹⁹ IDEM. Ibid., p.98.
- ²⁰ IDEM. Ibid., p.96.
- ²¹ FREUD, S. (1968[1915]) "Deuil et mélancolie". In: *Métapsychologie*. Paris: Gallimard, col. Idées, p.147.
- ²² FALRET, J-P. (1994[1864]) *Des maladies mentales et des asiles d'aliénés*. Paris: Sciences en situation.
- ²³ KRAEPELIN, E. (1984[1905]) *Introduction à la psychiatrie Clinique*. Paris: Navarin.
- ²⁴ LAURENT, E. (1988) "Mélancolie, douleur d'exister, lâcheté morale". In: *Ornicar?* n°47, p.15.
- ²⁵ MALEVAL, J-C. (2008) In: MILLER, J. *Variétés de l'humeur*. Op.cit., p.113.
- ²⁶ AVDELIDI, D. (2016) *La psychose ordinaire, La forclusion du Nom-du-Père dans le dernier enseignement de Lacan*. Rennes: PUR.
- ²⁷ MILLER, J-A. (2010) "Efeito do retorno à psicose ordinária". In: *Opção Lacaniana online nova série*, n. 3. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero3/texto1.html>
- ²⁸ MILLER, J. (2012) A psicose ordinária. A convenção de Antibes. Op.cit., p.291.
- ²⁹ IDEM. Ibid., p.292.
- ³⁰ IDEM. Ibid., p.274.
- ³¹ IDEM. Ibid., p.275.
- ³² TELLENBACH, H. (1979[1961]) *La mélancolie*. Op.cit., p.158.
- ³³ MILLER, J-A. (2008) *Variétés de l'humeur*. Op.cit., p.168.
- ³⁴ TELLENBACH, H. (1979[1961]) *La mélancolie*. Op.cit., p.137.
- ³⁵ KRAUS cité par TELLENBACH, H. Ibid., p.186.
- ³⁶ IDEM. Ibid., p.188.
- ³⁷ TELLENBACH, H. Ibid., p.185.
- ³⁸ IDEM. Ibid., p.128.
- ³⁹ BISWANGER, L. (1987[1960]) *Mélancolie et manie*. Paris: PUF.
- ⁴⁰ FREUD, S. (1968[1915]) "Deuil et mélancolie". In: *Métapsychologie*. Op.cit., p.152.
- ⁴¹ MILLER, J-A. (2010) "Efeito do retorno à psicose ordinária". In: *Opção Lacaniana online nova série*, n. 3. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero3/texto1.html>

⁴² IDEM.

⁴³ STEVENS, A. (2009) "Mono-symptômes et traits de psychose ordinaire". In: *Quarto - Retour sur la psychose ordinaire*. Op.cit., p.62.

⁴⁴ MALEVAL, J-C. (2003) *Eléments pour une appréhension clinique de la psychose ordinaire*. Op.cit.

⁴⁵ "precoce" aparece como uma maneira de se diferenciar do "superdotada" da mãe, tomado no registro educativo, pois inclui, para ela, o sujeito, o sofrimento da criança assim referida."